

- 12 - DICAS

PARA AJUDAR O PROFESSOR
DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO COM ATIVIDADES
NÃO PRESENCIAIS

por:
Claudia Moura



Olá,

Meu nome é Claudia Moura, sou Psicóloga, Mestre em Psicologia, Professora Universitária, Diretora e Consultora Técnica em Educação da Inclusive Consultoria. Durante anos fui diretora de um Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE). Minha vasta experiência com pessoas com deficiência, me impulsionou a escrever esse e-book, e espero que você aproveite a leitura.

Assim que a pandemia da Covid-19 começou, fomos pegos de surpresa, as escolas fecharam e os professores se viram com a grande responsabilidade de planejar aulas remotas. Muitos, sem a formação adequada para essa modalidade de ensino, ainda hoje encontram dificuldades para fazê-las. Pensar, planejar e organizá-las, não é tarefa fácil, exige criatividade, pesquisa e estratégias que encante o aluno. Foi com esse objetivo, que tive a ideia de escrever doze dicas norteadoras, e que espero, ajude ao professor a pensar sobre as atividades não presenciais.

Entretanto, se já não está fácil para o aluno típico, aquele o qual insistimos (erroneamente) em chamar de “normal”, imagina para os alunos com deficiência? Como pensar em estratégias que possam ajudá-los em suas necessidades educacionais? Será que estão conseguindo aprender remotamente? Estão distantes dos seus ambientes escolares, sem seus amigos, sem a ajuda da professora e sem o carinho da cuidadora.

Quantos deles estão sem a devida atenção? E ainda temos que lembrar de suas famílias, que não foram ensinadas a ensinar e que agora precisam acompanhar seus filhos nos estudos. Estamos diante de muitas dificuldades, mas não podemos nem pensar em deixar ninguém de fora, todos devem ser incluídos.

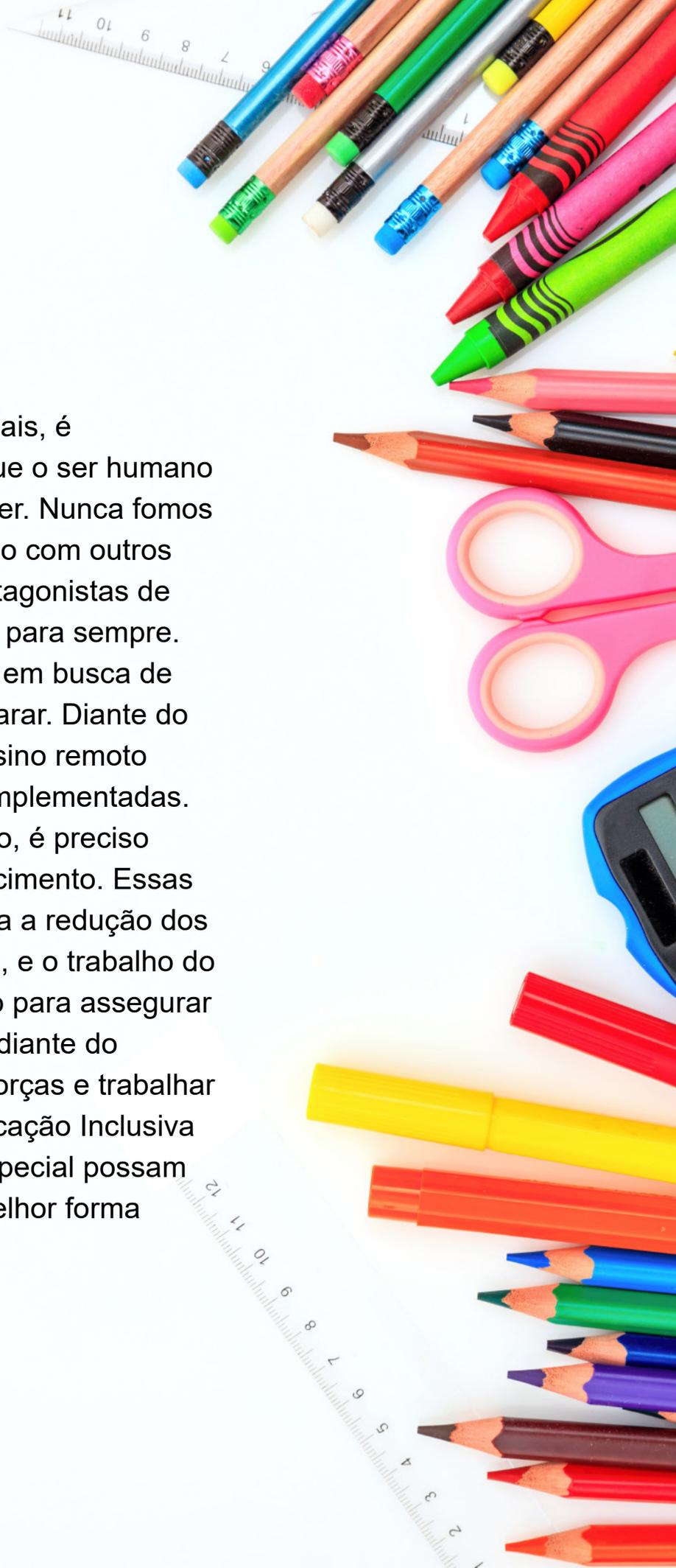
Sendo assim, espero que essa leitura seja igual a uma colcha de retalhos, onde a cada tema você junte os pedaços, e que eles façam sentido para a sua vida e atuação profissional.



||
Obrigada!

Apresentação

Em tempos difíceis como os atuais, é impressionante a capacidade que o ser humano tem de desaprender e reaprender. Nunca fomos tão desafiados a (re)ver o mundo com outros olhares e nos colocar como protagonistas de uma história que será lembrada para sempre. Tudo é muito novo, todos estão em busca de respostas, mas não podemos parar. Diante do atual momento, soluções de ensino remoto podem contribuir e devem ser implementadas. Considerando seu efeito limitado, é preciso cuidado, normatização e conhecimento. Essas estratégias são importantes para a redução dos efeitos do distanciamento social, e o trabalho do professor tem papel significativo para assegurar uma boa experiência. Por isso, diante do cenário atual, precisamos unir forças e trabalhar para que os estudantes da Educação Inclusiva na perspectiva da Educação Especial possam ser atendidos e acolhidos da melhor forma possível.





AS ATIVIDADES REMOTAS EM TEMPO DE PANDEMIA

Com o fenômeno da Covid-19, a sociedade passou a mudar radicalmente seus comportamentos, vivenciando um fenômeno jamais vivido pela humanidade. Em decorrência disto, medidas sanitárias, econômicas e sociais, foram impostas como forma de prevenir e controlar o vírus. Diante do atual contexto, foi necessário suspender as aulas, tentando mitigar o processo de contágio. Minha vasta experiência e atuação na área da Educação Especial, levou-me a produzir esse material, com o objetivo de redirecionar as ofertas e estratégias não presenciais aos alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O QUE É O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

O Atendimento Educacional Especializado é um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucionalmente e prestados de forma a complementar ou suplementar à escolarização, durante o período das suspensões das aulas presenciais. Deverá identificar e eliminar as possíveis barreiras no processo de aprendizado, visando a plena participação dos estudantes público alvo da educação especial nos termos da Resolução nº. 4/2009/MEC/CNE/CEB. Sua organização deverá:

- a) Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- b) Orientar as famílias sobre recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno, por meio de Plano de Atendimento Educacional Individualizado.
- c) Ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação.

Levará em consideração as chamadas adaptações razoáveis, assim entendidas como modificações e ajustes necessários e adequados, visando assegurar que o estudante público-alvo da Educação Especial possa gozar ou exercer, em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos e liberdades fundamentais, nos termos do artigo 3º, inciso IV e VI, da Lei nº 13.146/2015 e do parágrafo Único do artigo 8º da Resolução CEE-ES Nº 5.077/2018.

As adaptações e adequações dos materiais devem atender as especificidades dos estudantes público-alvo da Educação Especial, em relação a complementação do currículo escolar, o formato não presencial, ofertando estratégias para o desenvolvimento de processos mentais/exercícios das atividades cognitivas e pedagógicas, que possibilitem ao aluno sair de uma posição passiva e automatizada diante da aprendizagem para o acesso a apropriação ativa do próprio saber, avaliando o conhecimento que lhe é apresentado.

E AGORA, VAMOS CONHECER AS 12 DICAS:

DICA 1: COMO ORIENTAR OS PROFESSORES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

As palavras CRIATIVIDADE e INDIVIDUALIDADE deverão estar presente no momento de elaborar estratégias pedagógicas remotas em tempos de pandemia. O grande desafio em criá-las, justifica-se pelo fato de não serem recorrentes no dia-a-dia do professor, configura-se como um novo processo, e será preciso (re) pensar nesse aluno que agora está distante, sem vínculo e que poderá ter dificuldade em manusear as ferramentas tecnológicas que por vezes se apresentam de forma mais complexa. Além disso, o estudante está há muito tempo em isolamento social, sem regras, com comportamentos desafiadores, sem a relação com os colegas e a professora, os pais estão estressados, angustiados, muitos estão sem o seu recursos financeiros, sem saber o que fazer com os filhos, além do próprio temor em contrair a doença. Portanto, para fazer um bom trabalho, será preciso levar em consideração todas as variáveis e/ou outras questões que ocorram durante esse momento.

DICA 2: A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

Provavelmente o professor não teve tempo hábil para conhecer as habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais do seu aluno desde o início das aulas. Tudo aconteceu muito rápido! A avaliação pedagógica, ajudará a planejar e organizar as atividades, além de contribuir para a construção de etapas importantes que virão a seguir.

DICA 3: A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE ATENDIMENTO INDIVIDUAL

O plano de atendimento individual do aluno é um documento importante para o trabalho da criança com deficiência. Um plano bem elaborado, ajudará ao





professor a organizar todas as estratégias e adequações necessárias para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Para essa construção, será necessária uma avaliação mínima das habilidades e competências do aluno.

DICA 4: O PLANEJAMENTO EM CONJUNTO COM A EQUIPE TÉCNICA-PEDAGÓGICA

Como essas ações não estavam no contexto diário do trabalho do professor, é comum que parem dúvidas sobre o trabalho remoto. Por isso, a importância do trabalho em conjunto com a equipe, no sentido de estruturar as ações, decisões, e as próprias atividades. Deve envolver toda a equipe técnico-pedagógica e servirá para avaliar se as ações estão atingindo os objetivos iniciais. O planejamento deve ser flexível, caso algum processo necessite ser alterado em seu percurso.

DICA 5: ESTAR ATENTO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS E PARCERIAS OFICIAIS

Em tempos de pandemia, com a celeridade com a qual as ações foram mudando, exigiu medidas oficiais dos estados e municípios que impactaram também nas políticas públicas educacionais. Sendo assim, caberá ao professor se informar quais materiais de apoio remoto estão sendo realizados pelas respectivas secretarias, estaduais e municipais de educação, contribuindo para um trabalho articulado e enriquecedor.

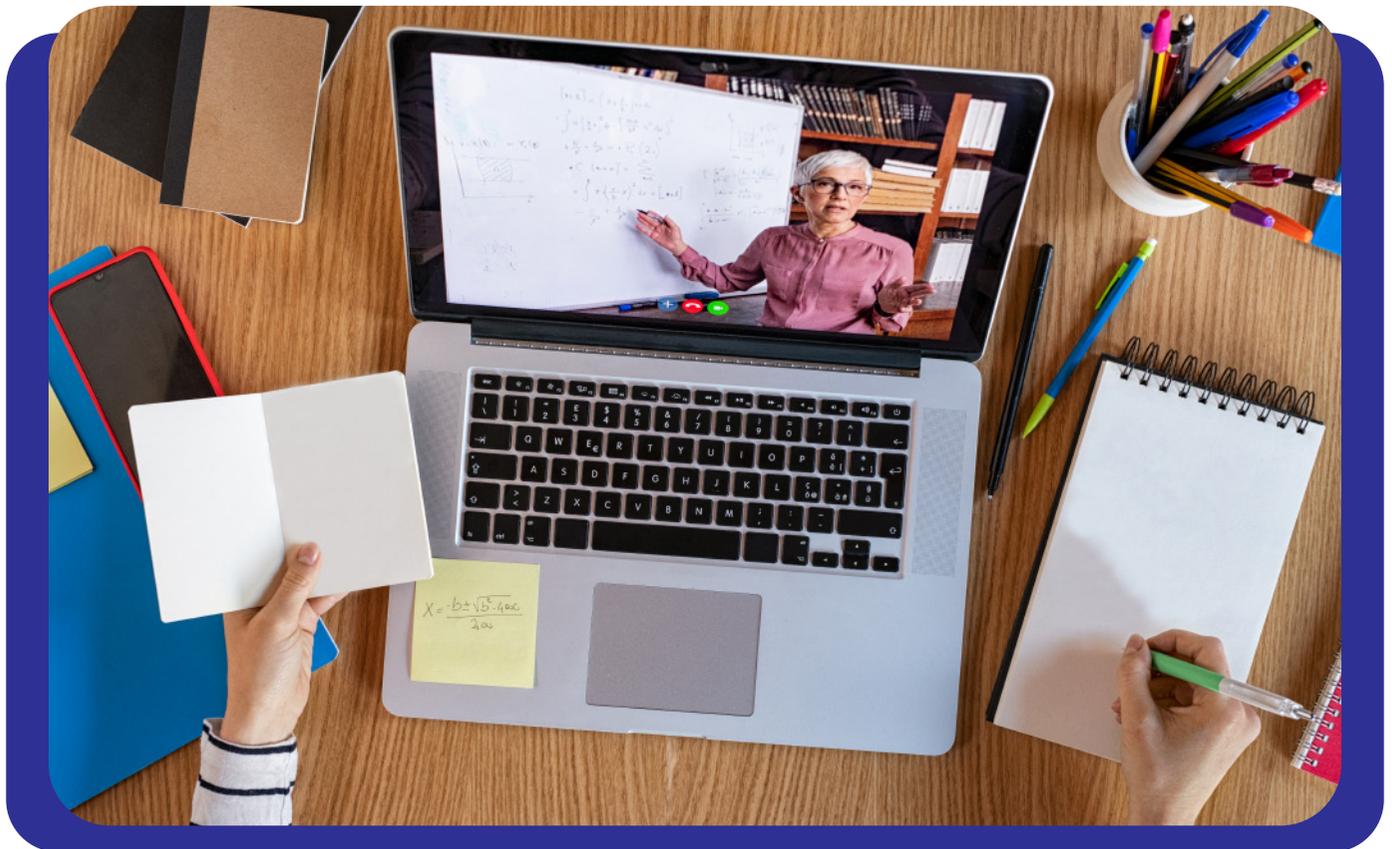
DICA 6: CONTEMPLAR TODOS OS ALUNOS COM AS ATIVIDADES REMOTAS

Esse é um dos aspectos mais importantes que o professor da educação especial precisa ter em mente. A proposta é que em tempos de atividades remotas, cada estudante seja avaliado nas suas necessidades e especificidades, ou seja, a individualidade do aluno deverá ser respeitada, de forma que todos sejam atendidos. As atividades deverão, na medida do possível, serem as mesmas para todos os públicos, podendo ser adaptadas de acordo com a necessidade de cada um.

DICA 7: O TRABALHO COLABORATIVO

Essa concepção pedagógica, consiste na articulação do professor do ensino comum e do professor do Atendimento Educacional Especializado.

No caso das escolas, o trabalho colaborativo é uma atuação em conjunto entre a professora do ensino comum e a professora do atendimento educacional especializado, em todos os momentos



da ação pedagógica, no planejamento de estratégias e metas, nas responsabilidades, nas decisões, nas instruções e no acompanhamento da documentação pedagógica, nos processos avaliação do ensino e aprendizagem, contribuindo para o processo inclusivo. No caso das instituições filantrópicas, o trabalho será de articulação dos conteúdos e ações realizadas para o aluno.

DICA 8: O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Para garantir o sucesso das ações e manter uma educação de qualidade em época de trabalho "Home Office", são necessárias ações que sustentem o trabalho em equipe e uma gestão que priorize a formação docente contribuindo para um processo administrativo de qualidade. O papel do gestor com uma boa liderança faz toda a diferença. Conforme Chiavenato (1997, p.101), "não se trata mais de administrar pessoas, mas de administrar com as pessoas. Nessa perspectiva devemos identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que possam priorizar um trabalho educacional de qualidade.

Sendo assim, para facilitar essa relação, alguns passos devem ser seguidos:

- Foque numa comunicação clara;
- Tenha serenidade no processo;
- Supervisione as ações e dê feedback;
- Oriente e produza materiais de referência;
- Busque sempre aprender e se atualizar.

A sobrecarga neste momento para os gestores educacionais tem sido intensa, além disso, nossa cultura educacional não está preparada para a utilização de novas ferramentas, principalmente a tecnológica. Portanto, o gestor também precisará se envolver e aprender os novos processos, novas formas de aprendizado que não somente aquele da sala de aula. Assim ele passará a dar mais segurança a equipe e conseguirá dar foco ao planejamento das ações.

DICA 9: O APOIO A FAMÍLIA

Diante desse cenário, as famílias foram obrigadas a assumir em tempo integral a educação acadêmica dos seus filhos. O que antes era terceirizado, pelo menos em um período do dia, agora ocupa todo o tempo da família. Além disso, ainda há as tarefas domésticas, o trabalho Home Office, o medo da COVID-19, o isolamento social e uma gama de demandas que vão surgindo. As famílias precisam de apoio, principalmente quando há uma criança com deficiência dentro de casa. A mudança da rotina, traz, dependendo do comprometimento, comportamentos que poderão exigir dos familiares auxílio dos seus pares e o apoio do professor, principalmente na execução das atividades remotas. Em virtude disso, lembre-se:

- Cada família é diferente. A necessidade de informações ou suporte vai variar de família para família;
- Cada membro tem sentimentos, experiências e preocupações diferentes;
- Os sentimentos de solidão, angústia e estresse estão mais aflorados, o que pode levar à família a ter a necessidade de maior apoio;

DICA 10: O QUE SÃO ATIVIDADES REMOTAS

São aquelas que oferecem continuidade de escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que a distância. Neste momento e devido às circunstâncias de isolamento social, as professoras do AEE podem realizar suas atividades através de:

- Relatórios;
- Estudos de caso;
- Portfólios;
- Outros;

Planejem as atividades remotas de acordo com o Plano de Atendimento Educacional que você já deve ter planejado para o seu aluno da Educação Especial;

Dentro do possível, utilize os conteúdos que já havia sido planejado para o ano vigente;

Respeite as especificidades e





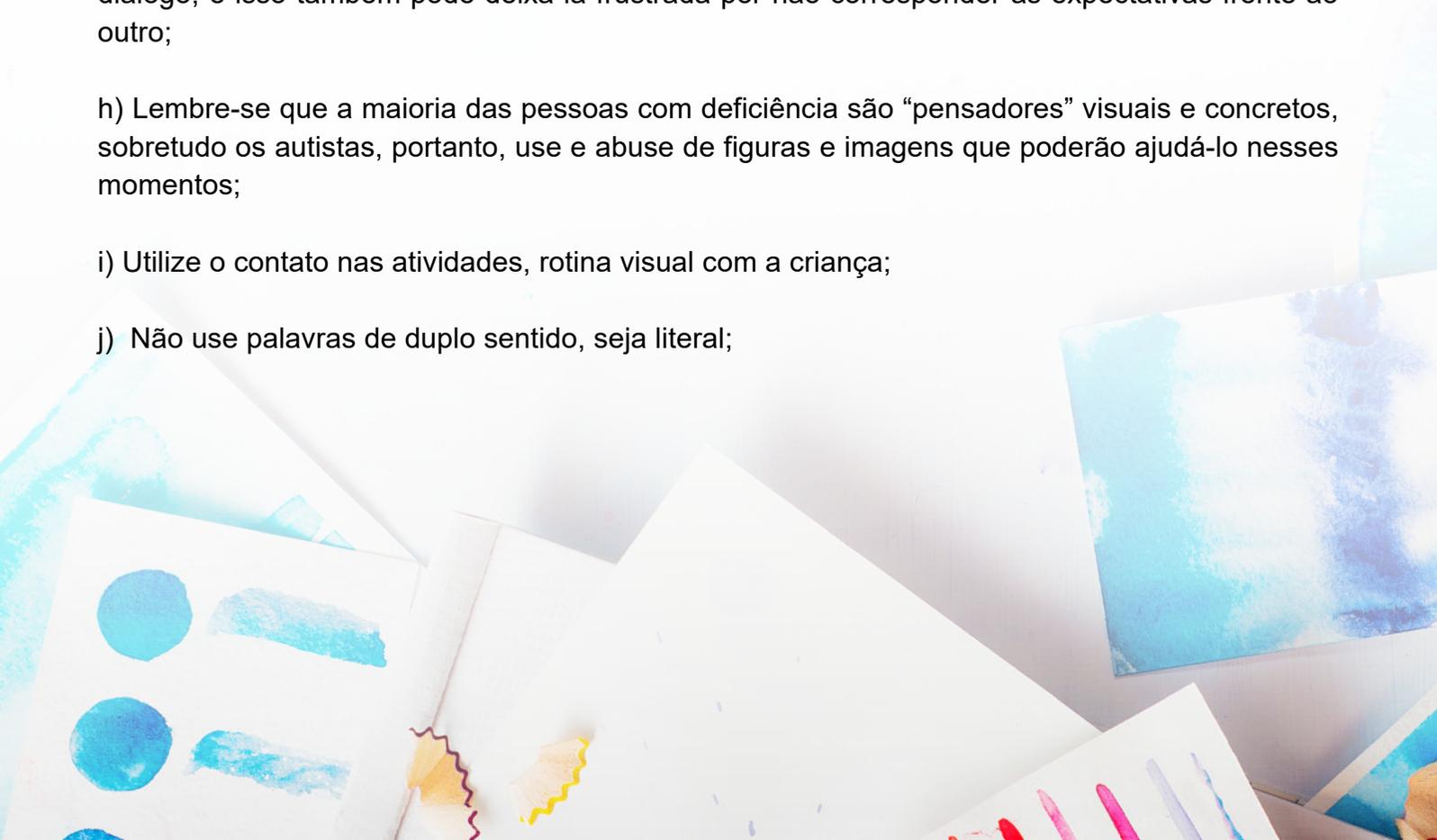
DICA 12: AS ESPECIFICIDADES DO PÚBLICO ALVO DA DEFICIÊNCIA

Consideram-se alunos com deficiência aqueles que têm impedimentos em longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Incluem-se os alunos com Deficiência Intelectual (DI), Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Altas habilidades/superdotação. Para realizar as atividades remotas, deve-se levar em consideração todos os documentos anteriores citados, principalmente Plano de Atendimento Individual, ele será o guia que norteará todas as práticas pedagógicas. No momento do planejamento e organização, deverão ser levados em consideração a faixa etária, o nível cognitivo, afetivo e social em que o estudante se encontra. Nem sempre essa será uma equação fácil de fechar, mas a sugestão é que sejam ponderadas essas variáveis.

12.1: COM OS ESTUDANTES COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO (TGD)

O TGD pode ser considerado como um conjunto de síndromes que interferem nas interações sociais recíprocas e são aspectos ligados à comunicação (verbal, visual, emocional) da criança afetada. Geralmente as crianças acometidas, simplesmente não consegue corresponder aos estímulos desses sentidos. Além disso, há comportamentos estereotipados, interesses limitados e repetitivos, déficit nas relações recíprocas e sociocomunicativas, além das condutas autoestimulatórias e autoagressivas. Especificamente sobre o TEA ou autismo (como é comumente chamado), possui estilos de aprendizagem próprio, portanto, devem receber um programa individualizado de intervenções educacionais inclusivas a serem estimuladas principalmente nos aspectos relacionados a linguagem, responsabilidade social e capacidade adaptativa (Gadia,2006). Sem uma boa avaliação não há uma boa intervenção, e nela, o profissional deve observar de forma pormenorizada alguns pré-requisitos e levá-los sempre em consideração no momento de desenvolver qualquer manejo com a criança/jovem autista: Algumas dicas para o manejo da criança com TEA, sempre lembrando que cada autista tem um “modus operandi” diferente, e cada um reagirá também de forma única:

- a) Faça com que a criança tenha interesse naquilo em que você está fazendo, chame a atenção dela com uma voz engraçada, mais fina ou grossa, dance, faça mímicas, se enfeite; faça caras e bocas, pule, vire cambalhota, se faça notar; utilize seu corpo, sua expressão, mostre interesse pela criança, se mostre engajada naquele momento em que somente você e ela estão ali, valorize o tempo em que estão juntos, seja na sala de aula ou em casa, mas sem estardalhaço, aja com calma e tranquilidade, leve em consideração as possíveis alterações sensoriais do sujeito;
- b) Utilize a brincadeira como ponto focal para chamar a atenção da criança, muitas delas não sabem brincar porque não foram ensinadas, e nesse caso em específico, será preciso também ensinar a família a brincar, já que alguns pais também não sabem;c) Observe, identifique e compreenda se há algum modelo afetivo no qual a criança tenha interesse/se identifique, se entregue as brincadeiras, observe a criança, entre no universo particular dela, respeitando seus limites e tempo;
- d) Desconstrua suas crenças em relação ao TEA através do conhecimento, estude, estude e estude sobre o tema;
- e) Construa com a criança uma rotina com a qual ela possa cumprir, trabalhe com tempos curtos;
- f) Faça atividades de poucos minutos no primeiro momento e depois vá aumentando, sempre em acordo com o tempo da criança, inicie da atividade mais fácil e vá subindo de nível, somente se a criança acompanhar;
- g) Fale pouco e somente o que você quer que ela faça, dependendo da criança, não haverá um diálogo, e isso também pode deixá-la frustrada por não corresponder às expectativas frente ao outro;
- h) Lembre-se que a maioria das pessoas com deficiência são “pensadores” visuais e concretos, sobretudo os autistas, portanto, use e abuse de figuras e imagens que poderão ajudá-lo nesses momentos;
- i) Utilize o contato nas atividades, rotina visual com a criança;
- j) Não use palavras de duplo sentido, seja literal;



k) Lembre-se que não há uma ordem cronológica dos fatos e nem um “manual de atendimento ao autista”, não existe receita pronta, o que há, são um conjunto de ações que podem ser utilizadas, desde que respeitados as características individuais do sujeito;

l) E lembre-se, não é, e não será tarefa fácil, simples ou rápida, e poderá levar tempo, mas não desista, pense em objetivos curtos no manejo com o autista, exatamente para não se frustrar;

Sempre oriente a família sobre esse manejo, lembre-se que alguns pais podem não saber como fazê-lo.

12.2: COM OS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL



A deficiência intelectual é uma das deficiências mais comumente encontrada em crianças e adolescentes e implica em algumas limitações nas seguintes áreas: comunicação, autocuidado, habilidades sociais, auto orientação, rendimento escolar, trabalho, saúde, lazer e segurança. Há uma redução no desenvolvimento cognitivo, o Quociente Intelectual (QI) , que é normalmente abaixo do esperado para a idade cronológica da criança ou adulto, acarretando muitas vezes um desenvolvimento mais lento na fala, no desenvolvimento neuropsicomotor e em outras habilidades, como o raciocínio lógico, planejamento, resolução de problemas, compreensão de ideias abstratas, estabelecimento de relações sociais, compreensão e obediência a regras, e realização de atividades cotidianas.

Antigamente, o termo mais usado para se referir a essa condição era “retardo mental”, porém, alguns autores acreditam que por ser pejorativo, passou-se a adotar o termo Deficiência Intelectual. Ela está dividida da seguinte forma: a) DI leve: QI entre 50- 69 b) DI Moderada: QI entre 30-40 c) DI Grave: 20-40 d) DI Profunda: QI abaixo de 20. A capacidade argumentativa de alguns alunos também pode ser afetada e precisa ser devidamente estimulada, contribuindo para a sua independência e suas relações com o mundo. Sua causa é variada e complexa, sendo a genética a mais comum, assim como as complicações pré, peri e pós natais (Sasaki,1999).

As limitações impostas pela deficiência dependem muito do desenvolvimento e das especificidades do aprendizado, variando bastante de uma criança para outra. As atividades a partir de propostas de adaptação e adequação curricular com alunos com DI exige estratégias diferenciadas por parte do professor, que diversifica os modos de exposição nas aulas, relacionando os conteúdos curriculares a situações do cotidiano, e mostra exemplos concretos para ilustrar ideias mais complexas. As atividades adaptadas deverão ser de ordem mais prática e concreta, facilitadas e simplificadas, que definiam a capacidade e habilidade do aluno.

Outro ponto importante é a construção da autonomia e da independência, proporcionando ao aluno a possibilidade de sair de uma posição passiva diante da aprendizagem, sendo construtor do seu próprio saber. Não existe um método ideal para o direcionamento das atividades para os alunos com deficiência intelectual. Não existe um “manual de aprendizagem”, o que se propõe de alguma forma, é a reflexão do processo de ensino e aprendizagem, além da própria prática e das oportunidades de interação do aluno com o objetivo de conhecimento, a fim de avaliar a eficácia das estratégias, bem como propor adaptações e/ou alteração de procedimentos.

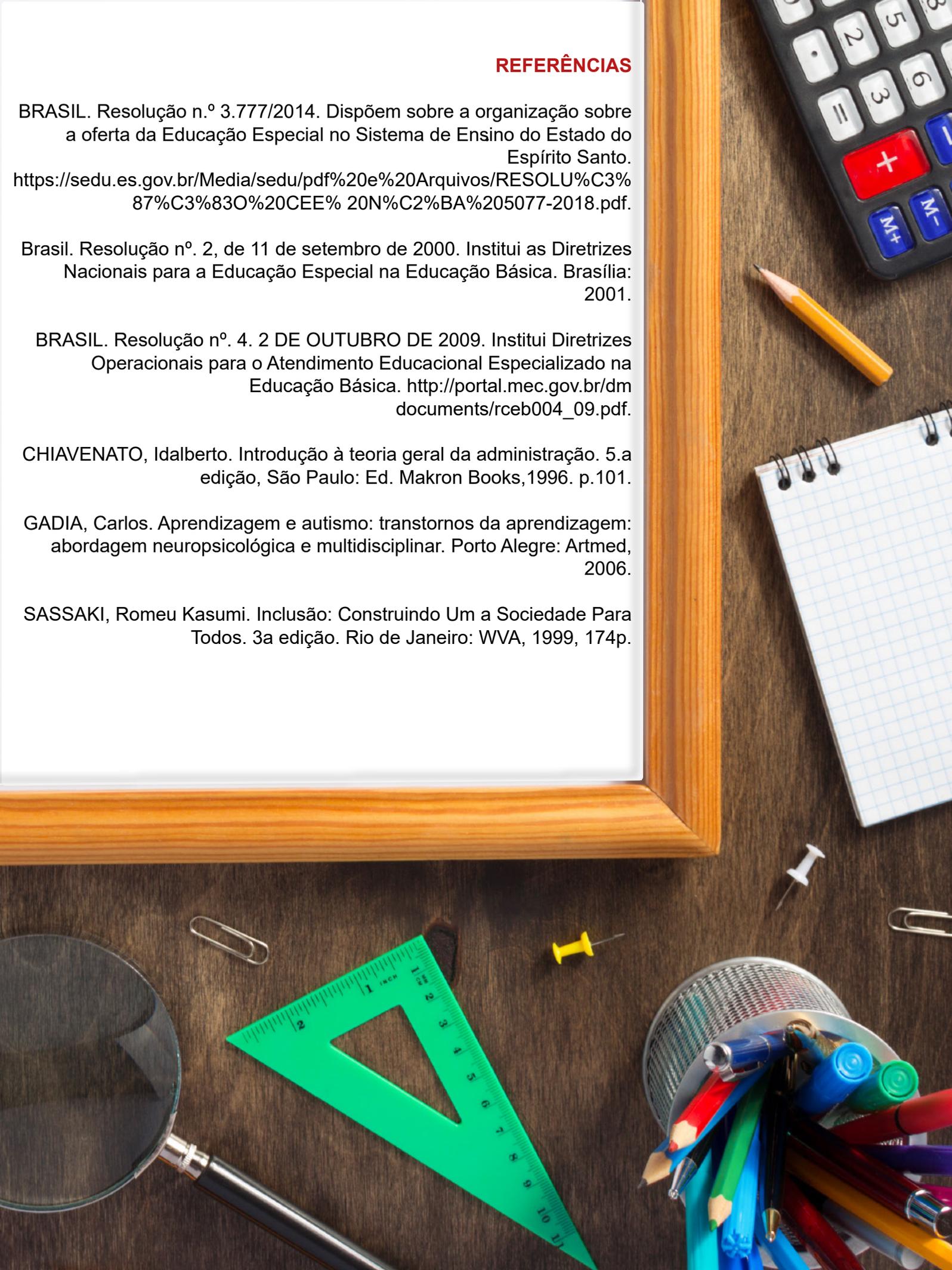
Quanto mais diversificados e adequados às diferenças de ritmo e estilos de aprendizagem, menores serão as barreiras de aprendizagem (Sasaki,1999). As limitações do aluno com déficit intelectual, sejam elas de ordem conceitual, prática ou social, interferem de maneira substancial na aprendizagem e na execução de determinadas habilidades da vida diária, no contexto familiar, escolar e social, e quanto mais precoce for detectado o quadro de deficiência intelectual, maiores serão as possibilidades da pessoa receber a ajuda e apoio necessário para a sua emancipação social. Promover a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, requer um trabalho sistemático acima de diferentes estratégias e adequações de materiais. Assim sendo, há várias estratégias que o professor poderá considerar em sala de aula para o desenvolvimento do trabalho com aluno deficiente intelectual:

- Utilizar diferentes recursos para produção de escrita e leitura: letras móveis, computador, lápis adaptados; livro sensorial, recortes e colagens;
- Ateliês de pintura, oficinas com atividades diversificadas em sua própria casa, como leitura, escrita, jogos, pesquisas, recorte e desenhos);
- Montagem de materiais com encartes, embalagens de produtos, revistas e jornais;
- Jogos educativos, jogos de encaixe, brincadeiras de rua, brincadeiras com o próprio corpo;
- Pinturas com garfo de plástico e tinta guache; carimbo e outros;
- Uso de carimbo de vegetais, tintas, massinhas de modelar;
- Bandas rítmicas com instrumentos feitos de sucata;
- Exploração de brinquedos de sucatas;
- Dramatização;
- Contação de histórias;
- Teatro de fantoches;
- Concurso de dança;
- Teatro de máscaras;
- Karaoke;
- Blocos lógicos;
- Atividades sensoriais;
- Atividades de Vida Diária (AVD)
- Pintura com espumas;
- Psicomotricidade;
- Concurso de dança;
- Vídeos educativos;
- Dobradura e Origami;
- Atividades com papel sulfite, EVA.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Resolução n.º 3.777/2014. Dispõem sobre a organização sobre a oferta da Educação Especial no Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo. <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/RESOLU%C3%87%C3%83O%20CEE%20N%C2%BA%205077-2018.pdf>.
- Brasil. Resolução n.º. 2, de 11 de setembro de 2000. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: 2001.
- BRASIL. Resolução n.º. 4. 2 DE OUTUBRO DE 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica. http://portal.mec.gov.br/dm/documents/rceb004_09.pdf.
- CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração. 5.a edição, São Paulo: Ed. Makron Books, 1996. p.101.
- GADIA, Carlos. Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SASSAKI, Romeu Kasumi. Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos. 3a edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.



Gostou?

Entre no site e saiba mais!

Acesse:

www.inclusiveconsultoria.com.br

Instagram:

@inclusiveconsultoria

Telefone:

(27) 99961-3839

